



Os Morcegos
Kit Pedagógico
Projecto GAPS
(LIFE03/NAT/P/000018)



- Bem! Foi mesmo uma festa à maneira!

E depois adormeceu.

Não se sabe se ainda vive por ali este grupo de morcegos. Nem mesmo se Lola teve algum romance com Melinhos. Só se sabe que a amizade entre estes habitantes do Sítio de Monfurado se prolongou por muitos anos. E passou para filhos, netos e bisnetos. Afinal, vale a pena fazer amigos assim!

Uma Festa à Maneira

Rodolfo era um morcego-de-ferradura-grande que vivia numa mina abandonada, perto do Convento dos Monges, no Sítio de Monfurado. Era gorducho, castanho claro, tinha muito pêlo e era muito comilão. Muitos dos seus amigos gozavam com o seu nariz por ser muito esquisito. Rodolfo já nem ligava. Afinal a sua espécie tinha esta característica: um nariz em forma de ferradura.

Só ficava aborrecido quando a D. Centopeia lhe dizia que ele parecia um porquinho com o nariz assim. Coitada!!! Ele podia ter o nariz esquisito, mas ao menos não tinha cem patas, argumentava sempre Rodolfo.

Certo dia, andava ele nas suas caçadas nocturnas, quando encontrou Melinhos, um morcego-de-ferradura-mourisco que passeava por ali a pulsar. Como nunca o tinha visto nas redondezas, perguntou:

- Olá. És novo por aqui? Nunca te tinha visto. O que andas a fazer por estes lados?

- Olá. Estou de mudanças. Como estou a ficar muito crescido, a minha mãe achou que era altura de arranjar um abrigo para viver sozinho - respondeu Melinhos. Até agora ainda não encontrei nenhum abrigo que me agradasse.

Sabes como é! Estamos habituados à casa dos pais e depois é complicado. Mas eu vou conseguir.

- Desculpa, esqueci-me de me apresentar: sou o Rodolfo, um morcego-de-ferradura-grande e vivo aqui em Monfurado. Esta zona é maravilhosa. Por aqui, tenho muitos amigos: o Franjinha, um morcego-de-franja, a Lola, um morcego-de-peluche, a Miosótis, um morcego-rato-grande e muitos mais. E existem por aqui muitos insectos para nos alimentarmos. Como temos diferentes formas de caçar e preferimos insectos diferentes, raramente temos problemas com a alimentação. Certamente que, a ficares por aqui, terás muita comida.

- Isso é ótimo. É o mais importante. Já agora chamo-me Melinhos e sou um morcego-de-ferradura-mourisco. Só saio de noite para comer e ir a algumas festas de amigos. Adoro festas!

Nesse instante, fez-se luz na cabeça de Rodolfo. Iria tentar convencer o seu novo amigo a ficar naquele local. Afinal, em Monfurado existiam já muitas espécies de morcegos pelo que com certeza, seria o local ideal para Melinhos. Visto tratar-se de uma espécie que forma colónias com muitos indivíduos e que gosta de se misturar com outras espécies, Monfurado era, de certeza, o sítio ideal.

Estava uma noite muito agradável e Rodolfo e Melinhos ficaram na

Mas prometes, não contas nada a ninguém!

- Então, vamos lá, agora estou pronto para novas descobertas. Para além disso, tenho de saber onde me alimentar. E podes ficar descansado que não conto nada a ninguém - respondeu Melinhos.

E lá foram os dois amigos. Ao chegarem perto da Ribeira do Carvalhal, Rodolfo emitiu uns sons para avisar os amigos de que se estavam a aproximar. Estava tudo a postos. Quando chegaram junto da água, todos os morcegos que estavam no local saíram de trás das árvores e gritaram, em conjunto:

- SURPRESA!!!!!!!!!!!!

Melinhos nem queria acreditar. Aquilo tudo tinha sido preparado para ele. Ainda não tinha conhecido alguns dos morcegos presentes, mas mesmo assim estava a ser recebido, por todos, de asas abertas. Realmente, Rodolfo tinha razão: o Sítio de Monfurado era o ideal e os seus habitantes muito simpáticos. Melinhos disse:

- Amigos, não tenho palavras para agradecer esta maravilhosa recepção. Estou muito emocionado! Obrigado por serem tão especiais...

Todos os morcegos agradeceram os elogios. Entretanto, Rodolfo pediu que pusessem música e Lola tratou do assunto. A festa durou até de madrugada. Foram todos dormir de barriga cheia e muito cansados. Afinal, aquela zona era ótima para caçar e para se divertirem. Melinhos ainda disse:



conversa noite fora, até de madrugada. Nessa altura, Rodolfo disse:

- Se quiseres, podes dormir em minha casa. O que achas? Pelo menos ficavas a conhecer o Sítio e decidir melhor se queres ficar por aqui. O meu abrigo, é aquela mina que se vê ao longe. Fica a um voo de três minutos daqui.

- É capaz de não ser má ideia. Mas os meus pais podem ficar preocupados por não aparecerem em casa - disse Melinhos.

- Mas afinal queres viver sozinho ou não? Nós, os morcegos, deixamos a casinha dos papás assim que começamos a voar. Estás com medo, é? - brincou Rodolfo.

- Não é isso. Gostava de os informar primeiro, para ficarem descansados. Mas, eu durmo em tua casa. Vamos lá então - respondeu Melinhos.

E lá foram os dois amigos descansar. Tinha sido uma noite muito agradável. Quando acordaram ao pôr-do-sol estava muito frio. Mas que esquisito! No dia anterior estava uma noite tão boa e agora estava um frio de rachar. Rodolfo disse para o amigo:

- Amigo Melinhos, deves estar desiludido com o Sítio onde vivo. Sabes, isto não costuma ser assim. A temperatura, durante os meses de Primavera e Verão é geralmente muito agradável. O que se estará a passar?

- Brrrrr!!! Realmente está muito frio, o que não é normal para esta altura do ano. Como estou de saída, vou tentar saber o que se passa junto de um

Depois de instalado, saíam então os dois para a Ribeira do Carvalhal, com a desculpa de existirem por lá muitos insectos, especialmente borboletas nocturnas, o prato preferido de Melinhos.

À chegada, Melinhos estranhou a ausência dos morcegos que andavam por ali na noite anterior. Como Rodolfo se mostrava inquieto, Melinhos pensou que tinha acontecido qualquer coisa de grave.

- Olá Rodolfo, está tudo bem? Pareces-me preocupado. Aconteceu alguma coisa? Ontem estive por cá, mas tu não estavas - perguntou Melinhos.

- Olá amigo, está tudo bem, não te preocupes. Estou só um bocadinho nervoso, pois ainda não vi nenhum dos meus amigos e não sei se lhes aconteceu alguma coisa - disse Rodolfo enquanto tentava disfarçar o nervosismo.

- Não te preocupes, não deve ter acontecido nada. As más notícias sabem-se sempre depressa. Bem amigo, finalmente estou de mudanças - afirmou Melinhos.

- Já sei que descobriste o porquê daquele frio repentino. Conta-me tudo - disse Rodolfo, enquanto pousava numa árvore para o ouvir.

Melinhos contou ao seu amigo que o que tinha acontecido estava relacionado com a passagem de uma frente fria que se estava a deslocar para Espanha. Foi uma passagem rápida, mas sentiu-se. Rodolfo ficou contente por não ter sido nada de grave e como estava um bocadinho ansioso, disse a Melinhos:

- Olha, descobri um local muito bom para caçarmos. Queres vir conhecê-lo?

amanhã, amiguinhos - e Melinhos levantou voo ao mesmo tempo que emitia sons para perceber o que o rodeava e assim poder afastar-se de alguns obstáculos.

Ao ver Melinhos afastar-se, Rodolfo pôde finalmente sair detrás da árvore onde estava escondido. Lola estava corada e com o coração aos saltos.

- Ufa!!! Foi por pouco. Mais um bocadinho e éramos apanhados em flagrante - disse Rodolfo.

- Ai, que lindo é o teu amigo! - suspirou Lola.

- Bem, ainda nem sequer se mudou e já anda a partir corações - retorquiu Rodolfo, descontente com o elogio que Lola acabara de tecer ao novo amigo.

- Só disse que ele era bonito, afinal é um morcego diferente, com a barriga branco-acastanhada e as costas castanho-acinzentadas. Mas não fiques triste Rodolfo, eu também te acho muito bonito, principalmente a esse teu narizinho - brincou Lola.

Rodolfo ficou vermelho e os outros morcegos riram à gargalhada. E lá seguiram, todos juntos, para a Ribeira do Carvalhal, para terminarem os preparativos para a festa. No final da noite e de regresso à colónia que estava no abrigo, acabaram por adormecer profundamente.

No dia seguinte, a chegada da noite simbolizava o início da festa. Tinham combinado que só Rodolfo ficaria na colónia para receber o novo amigo.

grande amigo que tem uma biblioteca em casa. Assim que souber, passo por aqui a avisar. Aproveito, e trago já algumas coisas para a mudança. Acho que vou mesmo ficar por aqui - respondeu Melinhos, enquanto batia as asas e começava a levantar voo.

E lá foi Melinhos, o morcego-de-ferradura-mourisco em busca de resposta para o súbito frio que surgiu em Monfurado.

Entretanto, Rodolfo saiu para jantar, tendo-se demorado pouco tempo. Planeava encontrar outros morcegos porque queria fazer uma festa de boas vindas ao novo amigo que estava prestes a mudar-se para o Sítio. Mas nessa noite teve pouca sorte. Devido ao frio, quase ninguém saiu e Rodolfo ficou desolado, acabando por se deitar mais cedo, antes do romper do dia, conforme era hábito.

No dia seguinte, estava Rodolfo a sair do abrigo para mais uma caça aos insectos, quando avistou Lola, muito bem-disposta e vestida de cinzento, com umas pequenas madeixas castanhas. Rodolfo meteu conversa com a amiga:

- Olá Lola, como estás hoje? Está tudo bem contigo?

- Olá Rodolfo, obrigado, está tudo bem. E tu como estás?

- Estou bem. Então já sabes da novidade?

- Novidade? Qual novidade? Ainda não sei de nada - respondeu Lola, um pouco arrelviada por ainda não saber da nova bisbilhotice.



mudança para Monfurado? E será que lhes tinha dito que o tinha conhecido? Vencido pelo cansaço, acabou por adormecer.

Na noite seguinte, com novidades, Melinhos regressou ao local. Reparou que andavam todos muito agitados, mas mesmo assim, acabou por conhecer alguns dos amigos do Rodolfo. Este, que andava a preparar a recepção ao amigo e levava uns enfeites, só teve tempo de se esconder atrás de uma árvore com Lola que o ajudava na altura.

- Olá, sou o Melinhos. Sou o novo habitante do Sítio de Monfurado. Viram por aí o Rodolfo? Precisava mesmo de falar com ele.

- Olá Melinhos, sou a Miosótis. Hoje ainda não vi o Rodolfo. Não faço ideia de onde poderá estar. Algum de vocês viu o Rodolfo? - perguntou Miosótis aos amigos, fazendo de conta que nada sabia.

- Não, eu também não vi o Rodolfo. Olá, sou o Franjinha e também vivo por aqui. Como sou muito curioso... já sabes quando te mudas para cá? - perguntou Franjinha, agarrando a oportunidade de saber o dia da mudança.

- Venho amanhã. Ainda tenho umas coisas por arrumar. Amanhã à noite já podemos sair para caçar juntos. Agora tenho de ir, vou arrumar o que ainda me falta para finalizar a mudança. Se por acaso virem por aqui o Rodolfo digam-lhe, por favor, que estive cá e que amanhã venho para ficar. Até

- Vamos ter um novo amigo aqui no Sítio. Chama-se Melinhos e está de mudanças. É um morcego muito simpático - disse Rodolfo.

- Um novo morcego? E quando é que ele chega? Estou ansiosa por conhecê-lo - disse Lola, contente com a perspectiva de um novo amigo em Monfurado.

- Ainda não sei, mas penso que deve estar para breve. Sabes, o que eu gostava mesmo era de o receber com uma grande festa. O que achas da ideia? - perguntou Rodolfo.

- Que ótima ideia!!! - respondeu Lola, enquanto batia as asas e mexia as orelhas de contentamento. Já não se faz uma festa aqui em Monfurado há muito tempo. Até podia ser junto à Ribeira de Carvalhal. Há muito que comer por lá.

- Que boa ideia! Vou ver se encontro os outros morcegos para combinarmos tudo. Mas primeiro, vou dar uma volta e emitir uns sons para caçar, estou cheio de fome.

E lá foi Rodolfo, contente com a vida. Nessa noite, encontrou todos os seus amigos e radiantes com a ideia de um novo amigo, acabaram por acertar os pormenores para a festa de boas vindas do Melinhos.

Nessa madrugada, ao recolher-se para o abrigo, Rodolfo acabou por adormecer a pensar no novo amigo. Será que ele já tinha descoberto o porquê daquele frio em Monfurado? Já teria avisado os pais da sua







Ribeira, passou de geração em geração o gosto pela aventura e pelo contar de histórias que a todos fascinavam. Seguindo os passos do avô Felizberto, o jacinto aventureiro, Zeca encantava todos ao narrar as suas histórias, como se de um verdadeiro contador de histórias se tratasse.

Felizberto, o Jacinto Aventureiro

Esta história, não começa como as outras histórias: Era uma vez... Não por ser uma história que não mereça, mas por contar a vida de um grande jacinto: Felizberto, o Jacinto Aventureiro.

Tive o privilégio de ter conhecido tão ilustre figura, de conviver com ele e de estar presente em algumas das suas aventuras. Chamo-me Zeca e sou o neto mais novo de Felizberto.

Corria o ano de 1999, quando floresci pela primeira vez. Estavam todos muito orgulhosos e felizes. Afinal há três anos que não haviam crianças na família. O primeiro rosto que vi foi o do meu avô Felizberto. Tinha um sorriso de orelha a orelha. Estava felicíssimo. Deu uma forte gargalhada e disse:

- Ah!!! Que maravilha. Um novo netinho! Já tenho mais alguém a quem contar as minhas histórias.

Todos concordaram com o avô. Afinal quem não queria ouvir as deliciosas aventuras do Sr. Felizberto. Quando novo, era alto, com folhas muito verdes e flores de um roxo que até brilhava. Tinha postura de herói. Mas, já chega de tanta conversa. Vamos entrar no mundo do meu avô Felizberto.

Corria o ano de 1930 e na Primavera, nascia perto da Ribeira de São Brissos, o avô Felizberto, um jacinto muito viçoso. Desde sempre dado a aventuras, a minha bisavó não se cansava de lhe dizer:

- Felizberto, cuidado com a água. Não te aproximes muito senão ainda ficas encharcado.

Mas Felizberto, rebelde, nem ligava. E de vez em quando levava um puxão de orelhas nas suas folhas, como que em jeito de repreensão. Nunca percebeu muito bem o motivo pelo qual não podia andar à sua vontade.

Durante essa Primavera, Felizberto foi sempre o mais traquina dos Jacintos. Quando começou a ficar mais calor, verificou que as suas folhas já não apresentavam a cor de outrora, um roxo cintilante, estavam a ficar amarelas. Estranhou o facto e triste, perguntou à sua mãe:

- Mãe, porque é que estou a ficar com as folhas amarelas? Estarei a ficar doente? Será por ser tão irrequieto?

tinham dado netos, tinha novamente alguém a quem contar as suas histórias e aventuras.

Agora que aprendi com o meu avô, já decidi o que quero ser quando for grande... quero ser aventureiro!!! E tal como ele, ter muitas aventuras e desventuras para contar!

- Então Professora? O que acha da minha composição? Está boa assim? perguntou Zeca.

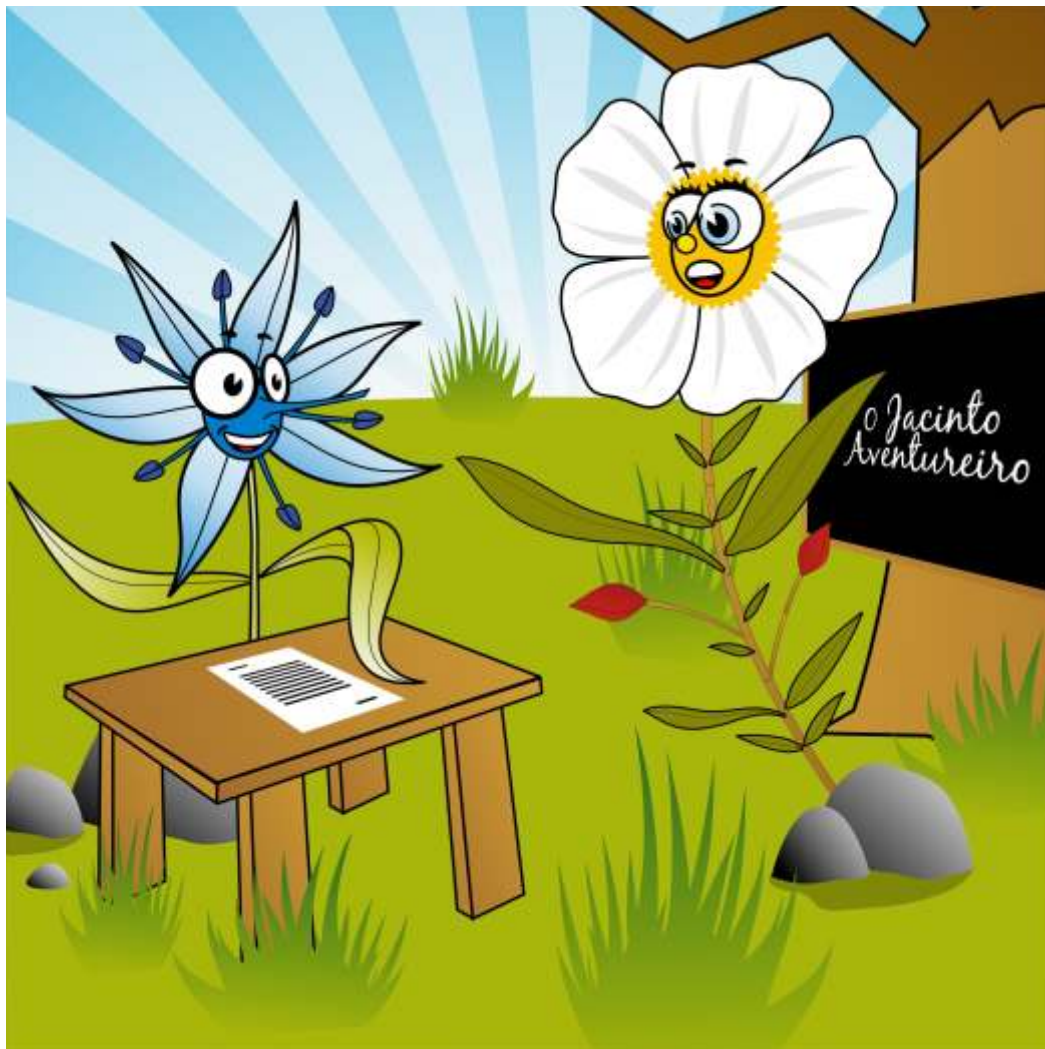
- Bem, Zeca. Já vi que gostas muito da tua família e que tens muito orgulho no teu avô Felizberto. A tua composição está muito boa. Acho que vais ter uma boa nota - respondeu a professora.

- Obrigado. Eu sabia que a Professora ia gostar - disse Zeca.

- Por este andar, em vez de seres como o teu avô, o Aventureiro, podes ser Zeca, o Contador de Histórias. O que achas? - perguntou a Professora.

- Eh! Eh! Nunca tinha pensado nisso... mas porque não, acho uma excelente ideia. Não sabia o que queria ser quando fosse mais velho e agora já tenho duas hipóteses, ser aventureiro e contador de histórias.

Anos mais tarde, e sempre cumprindo os ciclos a que a natureza o tinha destinado, Zeca ainda se encontrava no Sítio de Monfurado. Junto da



- Não, meu querido. Como podes ver, a mamã também está a ficar assim. Isto acontece a todos os Jacintos. É normal! Vou-te explicar: nós, os Jacintos, nascemos de um bolbo.

- O que é um bolbo? - perguntou Felizberto curioso.

- Um bolbo é uma espécie de cebola, que está enterrada na terra. Dessa cebolinha, crescem as nossas raízes, perfurando mais a terra, e o nosso caule, em direcção ao céu. Durante o Inverno, quando estamos enterrados, as nossas raízes começam a desenvolver-se para, quando chegar a Primavera, estarmos prontinhos para florir e colorir as paisagens com o roxo cintilante das nossas flores.

- Ahhh! - exclamou Felizberto. Não fazia ideia que as coisas eram assim. Mas, conta-me mais coisas, mamã!

- Por volta do mês de Março, quando chega a Primavera, o tempo começa a aquecer, o que faz com que as flores, comecem a desabrochar, acabando por abrir totalmente as suas pétalas e expor à luz toda a sua graça. Normalmente, e dependendo do calor que se faça sentir, aguentamos assim até ao final de Abril, princípio de Maio. Mas, com a chegada do Verão, as flores secam e caem... A nós, Jacintos, resta-nos

mandou para aqui. E como estamos cheias de fome, temos de comer.

- Sim, tudo bem, mas podiam ter mais cuidado. Comam só as ervas verdes e deixem tudo o que for flor em paz - ordenou o avô Felizberto.

As vacas e as ovelhas ficaram um bocado assustadas com a cara de zangado de Felizberto e começaram a ter mais cuidado. Estava tudo já mais calmo quando Felizberto olhou para a sua mãe e disse:

- Mamã, não se preocupe, agora já estamos a salvo. Este rebanho não nos vai fazer mal.

- Espero bem que não, filho. Foste muito corajoso. O que é que fizeste para que te obedecessem? - perguntou a mãe.

- Falei com elas e expliquei-lhes o que deveriam fazer para não nos magoarem. Elas aceitaram a minha ideia.

Mais uma vez, o avô foi o herói lá do Sítio. Nessa noite, fizeram uma festa em honra de Felizberto, o Jacinto aventureiro.

Os anos foram passando e com eles as aventuras do avô Felizberto. Tinha sempre uma coisa nova para contar, uma nova aventura para viver.

Mas segundo ele, a sua maior aventura foi ter conhecido a avó Milú e ter os seus filhotes. Eram o seu maior orgulho. E agora, que os filhos já lhe

Estava uma tarde muito calma e já se começava a sentir o calor do Alentejo. Afinal, estávamos no final de Abril, e o calor do Verão teimava em aproximar-se a passos largos. Felizberto encontrava-se a fazer uma sestinha quando, de repente, ouviu uma voz que lhe era familiar. Socorro!!! Socorro!!! - gritava alguém bem alto. Felizberto, continuou a ouvir a voz. De repente, abriu os olhos e viu a sua mãe, rodeada de ovelhas e vacas que por ali se encontravam a pastar. De início, não se apercebeu do que realmente se estava a passar. Mas depois, quando viu a sua mãe a chorar de medo, verificou que muitos dos seus amigos estavam a ser comidos pelo gado. Não podia ser! Felizberto, o aventureiro, tinha de fazer alguma coisa para salvar todos aqueles Jacintos. E começou a gritar. E gritou tão alto, mas tão alto, que as ovelhas e as vacas puderam ouvir a sua voz:

- OUÇAMM!!! Vacas! Ovelhas! Afinal o que vem a ser isto? O que pensam que estão a fazer? Não basta andarem por aqui a fazer estragos, como ainda por cima decidiram comer os meus amigos? Deviam ter vergonha, suas marotas - disse o avô, muito zangado.

- Nós não temos culpa! - baliram as ovelhas - O nosso dono é que nos

voltar a dormir. O nosso bolbo fica enterrado no solo, à espera que o intenso calor do Verão, e o frio que se faz sentir no Inverno passem.

- E depois? O que acontece?

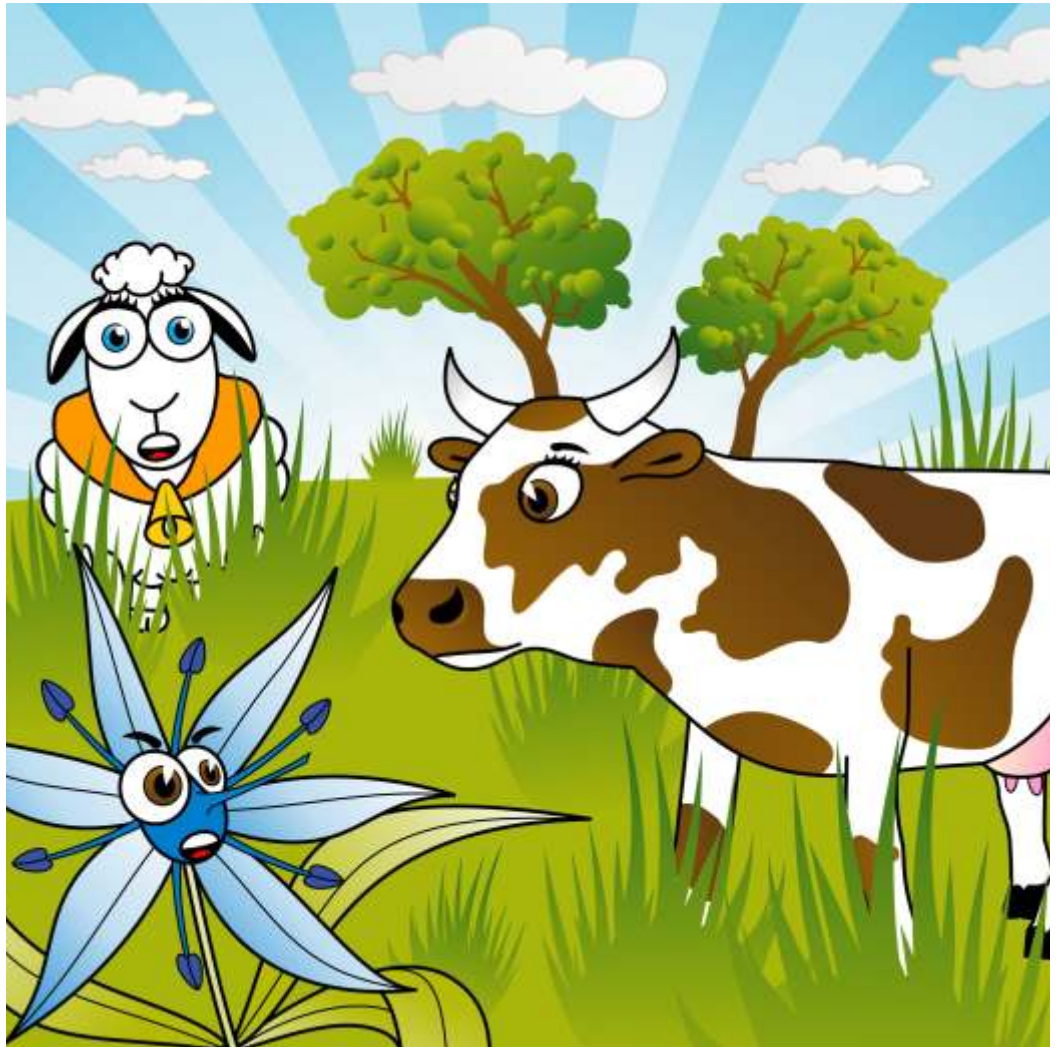
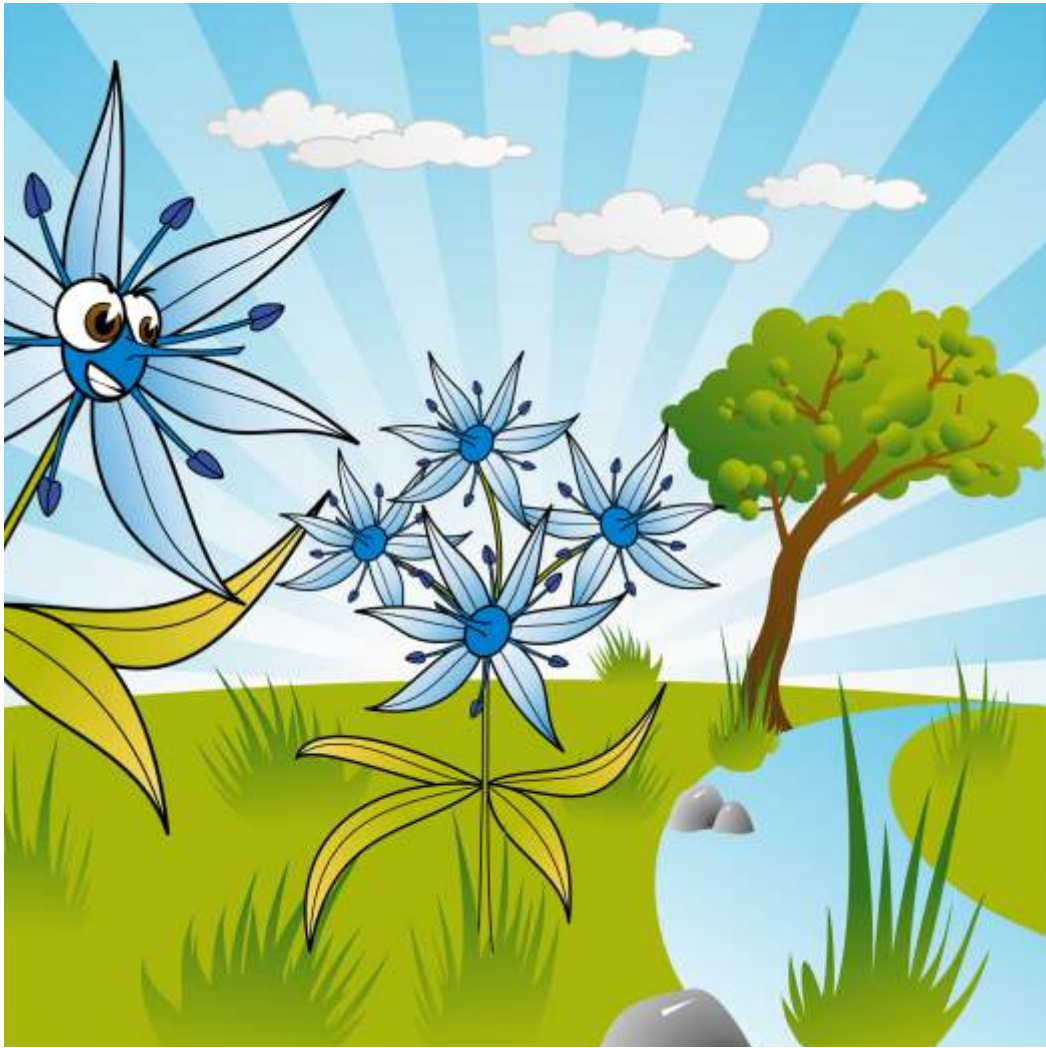
- Depois, no final do Inverno, começamos a despertar, ainda que muito devagarinho. Primeiro, do nosso bolbo partem as raízes para logo de seguida, começamos a crescer. E assim, volta tudo ao início - disse a mãe, finalizando a sua explicação.

O avô Felizberto sabia que estava quase a ficar sem flores e por isso tinha de aproveitar bem o tempo que lhe restava. Nessa tarde, pensou que tinha de fazer qualquer coisa diferente. Então decidiu:

- Vou assustar todos os outros Jacintos que vivem por aqui. São todos uns medricas. Eh! Eh! Vou inventar uma história de os deixar a tremer. Entretanto, Felizberto começou a magicar um plano e à medida que o foi compondo, aproximou-se dos seus amigos:

- Olá, meus caros. Tudo bem? Já repararam no nosso novo casaco? É tão feio!!!

- Pois é. Estamos a ficar muito amarelos. Não sabemos o que se passa - responderam os outros em uníssono. Ainda há pouco tempo salpicávamos os prados com a nossa cor, mas agora, da cor roxa que exibíamos, já só resta



Observador, reparou que naquele ano, existiam por ali Jacintos novos e que alguns dos mais velhos já não se encontravam por ali. Se calhar, tinham ido visitar algum familiar, pensou ele.

- Olá pequenos, tudo bem? Então o que estão a achar deste local? Espectacular, não é? - disse Felizberto, para os Jacintos mais novos.

- Sim, é muito bonito - responderam os pequenos, ao mesmo tempo que começavam a brincar uns com os outros.

Entretanto, um deles, a meio da brincadeira, perdeu o equilíbrio e mergulhou dentro da Ribeira, que ainda tinha um grande caudal, consequência das chuvadas de Inverno. Prontamente, o avô Felizberto, que os observava muito atento, saltou logo em seu auxílio. Sem questionar os perigos a que estaria sujeito, Felizberto conseguiu ajudar o pequeno Jacinto, esticando-lhe a mão, puxando-o para cima. Aflita com o que se tinha passado, e depois de acudir ao local, a mãe do pequeno Jacinto agradeceu a Felizberto. Nesse dia, para além de ser o herói, viveu a sua primeira grande aventura e decidiu o que queria fazer no futuro: ser aventureiro. E assim, os dias passavam, e o avô Felizberto imaginava mil e uma aventuras em que participar.

um ar doente, com o roxo a transformar-se em amarelo - continuou Pingas, um dos Jacintos que fazia parte do grupo.

- Não sabem? Isto é uma doença! Uma doença muito grave que está a afectar todos os Jacintos da zona. Estamos todos doentes! Em breve, iremos desaparecer - disse Felizberto, cheio de vontade de rir.

- Não digas uma coisa dessas! Como é que isto nos pode estar a acontecer? E como é que ninguém nos disse nada? E agora, o que fazemos? - disse Pingas quase a chorar.

O avô Felizberto não aguentou mais e desatou a rir. Os outros não compreendiam o motivo de tanta risota. Estaria louco? Foi então que o avô lhes explicou o que se estava a passar.

No dia seguinte, a grande maioria das folhas dos Jacintos já tinham caído e estes preparavam-se para descansar. E assim passou o Verão, o Outono e o Inverno. Chegou novamente a Primavera e com ela, para além das andorinhas que a anunciavam, vinha também toda a beleza dos campos em flor.

Timidamente e com grande vontade de viver novas aventuras, o avô Felizberto espreitou cá para fora. Sentia-se mais velho, mais maduro.







MONTEMOR | O | NOVO câmara municipal



Projecto co-financiado pela Comissão Europeia no âmbito do programa LIFE-Natureza

uma forte ventania. Por entre as folhas, o vento assobiava e despenteava Manuel e Aurora. Com as folhas desgrenhadas, Aurora pode observar o bugalho de Manuel.

- Ah, tens um bugalho! - exclamou Aurora.

- Tu sabes o que é um bugalho? - perguntou Manuel

- Claro, eu também tenho alguns bugalhos nos meus ramos. E não te esqueças, tal como tu e eu que somos carvalhos, temos bugalhos, também o Castanho e o Nico têm bugalhos.

- É verdade. Agora tenho uma grande família. Sou felizzzzzz!!!

E assim, Manuel, deixou de ser o sobreiro triste que passava os dias a olhar para a floresta que via ao longe. Compreendeu o sentido da sua importância e a necessidade de olhar à volta e, sempre que necessário, pedir ajuda a um amigo. Que bom é ter amigos!!!

Manuel o Sobreiro

Manuel, não era um sobreiro feliz. Apesar de viver no Sítio de Monfurado, Manuel perguntava-se todos os dias sobre a sua importância e o porquê de estar sozinho, sendo que lá longe, até onde a vista alcançava, podia ver muitas árvores. Elas não estavam sozinhas. Porque seria ele diferente?

Estava Manuel preso a estes pensamentos quando, de repente, olhou para um dos seus ramos e viu uma pequena vespa, que se preparava para o picar. Rapidamente, começou a abanar os ramos e as folhas, tentando chamar a atenção do pequeno insecto. Zonzo com a ventania que prontamente se levantara, Félix, a pequena vespa, viu-se preso por entre os galhos do sobreiro.

- Psstt!!! Psstt!!! Quem és tu? O que queres de mim? - perguntou Manuel, assustado com a ideia de vir a ser picado.

- Ah! Desculpa, pensei que estavas a dormir, estavas tão quieto. Eu sou o Félix - respondeu a pequena vespa.

- Eu sou o Manuel - respondeu com voz triste. O que queres tu?

- O que é que eu quero? - perguntou Félix, muito admirado. Mas, tu não sabes?

- Não sei o quê? - retorquiu Manuel, aborrecido por a pequena vespa o ter arrancado aos seus pensamentos.

- Eu sou um insecto, e costumo fazer o meu ninho nos ramos de árvores como tu. Ao picar o ramo, surge um pequeno bugalho, que em tudo se assemelha a uma pequena bola. Muitas pessoas, pensam que o bugalho é o fruto da árvore, mas este é apenas uma reacção da árvore à minha picada - explicou Félix.

- Não dói a tua picada? E não causa doenças às árvores?

- Não, nada disso. Os ramos das árvores têm uma casca tão dura, que acabam por não sentir nada. Quando pico a árvore e aparece o bugalho, este funciona como um ninho para os meus filhotes. Durante algum tempo e há medida que se desenvolvem e alimentam no seu interior, a árvore fornece abrigo às minhas larvas. Depois, quando já estão suficientemente grandes para sair, fazem um pequeno buraco e... lá vão elas - continuou Félix com a explicação.

- Bem, se é assim, podes picar o meu galho. Eu aguento. Talvez não fique sozinho - disse Manuel.

E assim foi. Félix levantou voo, dançou à volta de Manuel, apontou ao galho que lhe pareceu melhor e... záz-tráz, picou Manuel.

- Não doeu nada - disse o sobreiro Manuel em tom de desabafo.

- Eu avisei, não avisei - brincou o pequeno insecto. Agora tenho de ir.

- Já vais? - perguntou Manuel, com a voz embargada pelo choro. Vou ficar novamente sozinho... sinto-me tão triste...

- Não fiques triste - assobiou Félix. Tens aqui muitos amigos, olha à tua volta. E

parecidas, temos uma característica que nos distingue logo de imediato.

- E qual é? - perguntou Manuel.

- Não me digas que ainda não viste. Salta à vista - disse Aurora enquanto sorria com o ar envergonhado de Manuel.

- Ainda não - disse Manuel, acanhado e cabeça baixa.

- Então, olha para o teu tronco. Não achas que tens uma casca diferente? - perguntou Aurora, apontando-lhe para a casca.

- Nunca tinha reparado... o que isto? - perguntou Manuel, enquanto passava a sua mão pela barriga.

- A isso chama-se cortiça. Tu ainda não sabes, porque não tens idade suficiente para o saber. Mas qualquer dia, vêm os homens e tiram-te essa pele. Mas não te preocupes que ela volta a crescer. E ao fim de nove anos, voltam novamente os homens para a tirar.

- E não dói? - perguntou Manuel assustado com a ideia de ter um machado tão próximo do seu tronco.

- Não claro que não. E vais ver como te sentes melhor, mais leve para respirar. Sabes, a tua cortiça é um bem muito valioso, por isso és muito importante. Todos te cobiçam - comentou Aurora.

- E eu a pensar que estava sozinho e sem importância... - deixou escapar Manuel. Entretanto, a leve brisa que se fazia sentir ao raiar do manhã, tinha dado lugar a



muito obrigado por me deixares pôr os ovos nos teus ramos - disse Félix enquanto batia as asas e se afastava.

- Amigooooooooos? - gritou Manuel. O que queres dizer com isso?

Mas Félix, já longe, não conseguiu ouvir o amigo. E mais uma vez, Manuel ficou sozinho e sem resposta.

Com o cair da noite, preparava-se para dormir. Mais uma noite em que estaria sozinho e desprotegido. De repente, ao escutar o som abafado de umas asas, Manuel apercebeu-se que algo se tinha pendurado nos seus ramos. Acordado de um sono em que não tinha chegado a entrar, ainda estremunhado, perguntou:

- Quem está aí?

- Uh!Uh! Uh!Uh! - piou a coruja. Sou o Otus e sou uma coruja. Desculpa se te acordei.

- Vais-te embora? perguntou logo Manuel.

Otus estranhou a pergunta. Afinal de contas, ainda mal tinha pousado no ramo e já estava a ser questionado sobre se se iria embora. Para além disso, nada sabia sobre aquela árvore que ali se encontrava sozinha.

- Se me vou embora? Ainda mal cheguei? - respondeu Otus, com alguma estranheza. Queres que me vá embora?

- Não, claro que não!!! É por isso mesmo que te perguntei se te ias

as nossas são pequenas, eles têm umas folhas grandes. Para além disso, também têm uma forma diferente. São muito mais recortadas que as nossas, sendo que o Nico, o carvalho-negral, é quem tem as folhas mais recortadas. São tão bonitas! - suspirou Aurora.

- Pois, imagino...recortadas nas margens...devem ser mesmo muito bonitas... - murmurou Manuel, enquanto imaginava como seriam as folhas do Castanho e do Nico.

- Mas - disse Aurora - não é tudo. Enquanto as nossas não caem durante o Inverno, as folhas do Nico, com a chegada do Outono começam a ficar amarelas, depois acastanhadas até que acabam por cair. E assim, o Nico fica todo despido, à espera que as novas folhas cresçam com a chegada da Primavera. O Castanho, o carvalho-português, esse já é diferente. Também lhe caem as folhas, mas não caem todas. E quando caem, caem mais tarde que as do Nico - explicou Aurora.

- Então, as nossas nunca caem? - questionou Manuel.

- Não, as nossas também caem. Quando ficam velhinhas, acabam por cair. No entanto, cai hoje uma, amanhã outra. Por isso, nunca ficamos nem nus, nem semi-nús.

- Ah! Compreendi. Agora, o que não compreendo é porque é que nós os dois não somos iguais. Se temos tudo em comum disse Manuel.

- Não é bem assim. Se estiveres atento, e apesar das nossas folhas serem

- Estão por aqui e por ali. Por exemplo, o Castanho, que é um carvalho-português, faz parte de um montado de carvalhos, isto é, o Castanho, que é um primo nosso, faz parte de uma floresta em que estão alguns dos nossos irmãos. No entanto, o Nico, que é um carvalho-negral, gosta mais de zonas húmidas e por isso, está perto de uma ribeira - disse Aurora.

- Ahh! Não percebi... - disse Manuel, confuso. Disseste montado de carvalhos? Mas eu não sou um sobreiro e tu uma azinheira?

- Sim, tens razão - riu Aurora. Mas também somos carvalhos. Afinal de contas, pertencemos todos à mesma família, lembra-te?

- Sim, agora já percebi - disse Manuel sorridente. Mas, e qual é o nome da nossa família?

- Ui! Esse é um nome difícil de pronunciar. A nossa família tem o nome de quercí-ne-as - disse Aurora, soletrando a palavra.

- Puxa, é mesmo difícil - suspirou Manuel. Quercíneas...mas é bonito, é diferente...e esses primos também têm bolotas como nós?

- Claro que sim. Lembra-te do que te disse no início da nossa conversa? Todos os carvalhos têm bolotas. Se assim é, o Castanho e o Nico também têm. O que eles têm, é um pormenor muito diferente do nosso - deixou escapar Aurora, deixando no ar um cheiro a mistério.

- Ai sim! - exclamou Manuel. Conta, vá lá!!!

- O Castanho e o Nico têm as folhas muito diferentes das nossas. Enquanto que

embora...estou sempre sozinho! - respondeu Manuel entristecido.

- Sozinho? Tu não estás sozinho! Estão ali muitas árvores. Para além disso, tu és um pioneiro! - disse a coruja.

- Pioneiro? Eu sou é solitário...um sobreiro solitário...

- Nem penses nisso - piou Otus. Sabes porque é que estás aqui neste campo?

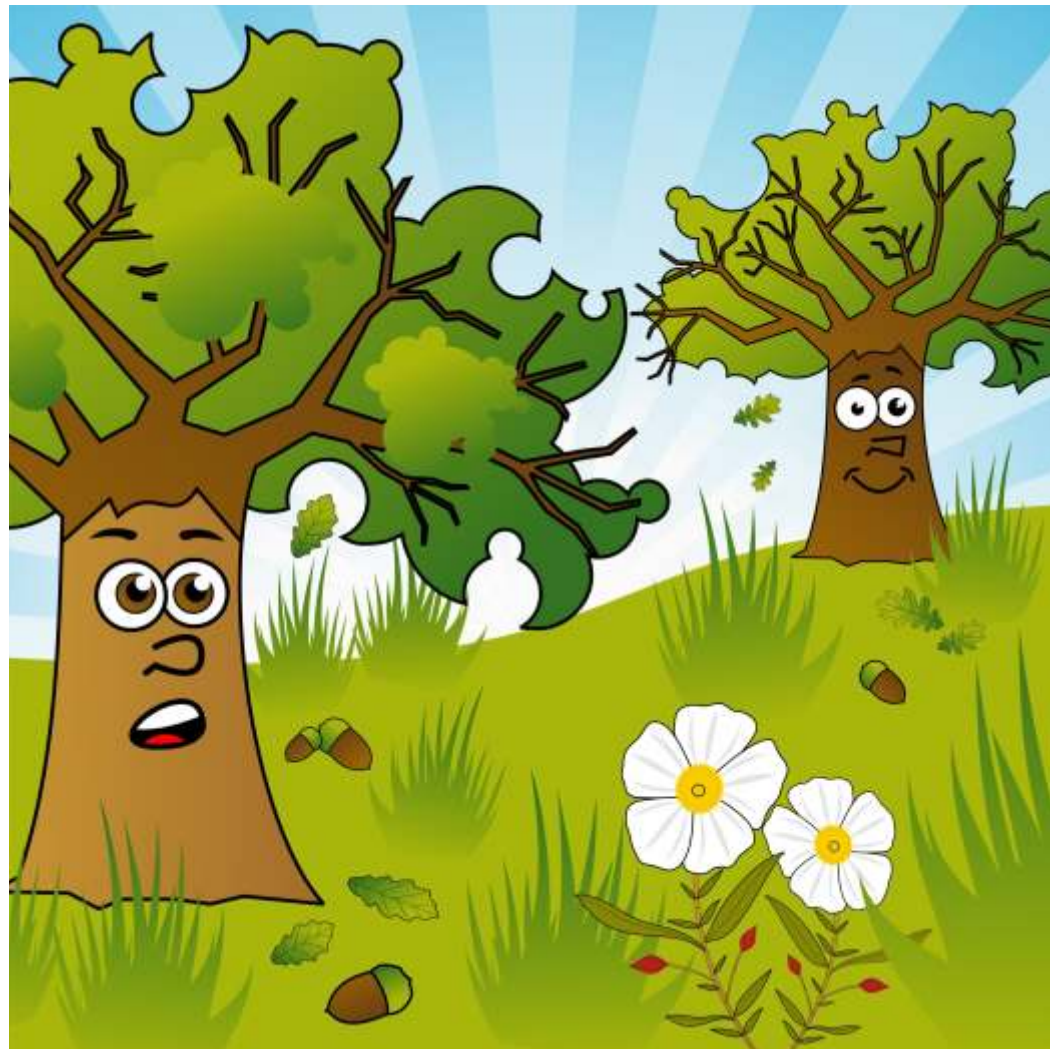
- Tu sabes? - perguntou Manuel, entusiasmado com a ideia de alguém saber o porquê dele se sentir sozinho.

- Eras tu ainda uma bolota quando Fusca, um javali que em tempos viveu aqui no Sítio de Monfurado, te trazia preso entre os dentes. Numa noite de luar, desorientado e a tentar escapar aos caçadores que nessa noite lhe faziam uma batida, Fusca deixou-te cair e não tendo oportunidade de voltar atrás para te apanhar, continuou a fugir.

- Mas eu...eu...quase fui comido? - soluçava Manuel, ao mesmo tempo que lhe corriam as lágrimas casca fora.

- Sim, podias ter sido comido, é verdade. Mas em vez disso, agarraste-te à vida com todas as tuas forças e começaste a crescer. Primeiro, apareceram umas tenras raízes que cresceram em direcção à terra. Mais tarde, apareceu o caule que cresceu em direcção ao céu. Esse caule, é hoje o teu tronco robusto.

- Achas mesmo que sou assim forte, Otus? Sempre me considereei um fraco. E depois, aqui sozinho...mas ainda não me explicaste como sou pioneiro? - disse Manuel.



folhas que a aragem que se fazia sentir naquela manhã teimava em despentear. Então, explicou:

- Vê-se bem que és novinho, Manuel! Sabes, tal como tu, existem outras árvores em que o fruto é uma bolota. Eu, sou uma dessas árvores. Mas tal como eu, existem ainda muitas outras árvores na nossa família - disse Aurora.

- Nossa família? - perguntou Manuel, surpreendido.

- Sim, nós pertencemos todos à mesma família. E em comum, entre outras coisas, temos o facto do nosso fruto ser sempre uma bolota. Nalgumas árvores são maiores, noutras mais pequenas, mas são sempre bolotas, todos os nossos frutos têm a mesma aparência. E não ficamos por aqui, na nossa família, para além de árvores, existem ainda uns pequenos arbustos. Esses, tal como nós, também têm bolotas - continuou Aurora com a explicação.

- Então, isso significa que para além de nós ainda existem outras árvores? - questionou Manuel.

- Então, é como te disse, a nossa família é muito grande. Por exemplo, aqui em Monfurado, para além de ti, que és um sobreiro e para além de mim, que sou uma azinheira, existem ainda mais dois tipos de árvores. Ainda ontem falei com elas - disse Aurora.

- E onde é que elas estão? - perguntou Manuel, olhando novamente em redor, tentando encontrar as árvores que Aurora falava.

- Pioneiro porque, apesar de estares aqui sozinho, muito em breve vais deixar de o estar. Assim como tu foste transportado na boca de um javali, também outras bolotas e outras sementes vão ser transportadas por outros animais, à tua semelhança, preencher este campo que agora encontras vazio. Se estiveres atento, irás reparar que existem já outras árvores que começam a crescer por aqui.

E Manuel olhou em seu redor. De um momento para o outro, no campo que outrora lhe parecia vazio e escuro, Manuel pode aperceber-se, à luz da lua, da sombra de outras árvores.

Na manhã seguinte, excitado, Manuel acordou aos primeiros raios de sol. Queria aproveitar e conhecer os novos amigos que, apesar de estarem há muito por ali, nunca neles tinha reparado. Olhou, olhou e voltou a olhar e reparou que havia uma árvore que tal como ele, também já aproveitava os primeiros raios de sol.

- Bom dia! - disse todo satisfeito. O meu nome é Manuel, e o teu?

- Booommm diaaaaa - disse Aurora, enquanto se espreguiçava.

- Vá lá, diz-me como te chamas... - voltou a perguntar, encorajado com a ideia de ter uma nova amiga.

- Eu sou a Aurora e sou uma azinheira.

- Uma azinheira? Nunca ouvi falar... - disse Manuel, impressionado. Pensava que, tal como eu, tu eras um sobreiro. Os teus frutos não são bolotas?

Enquanto sorria face à observação do novo amigo, Aurora tentava pentear as

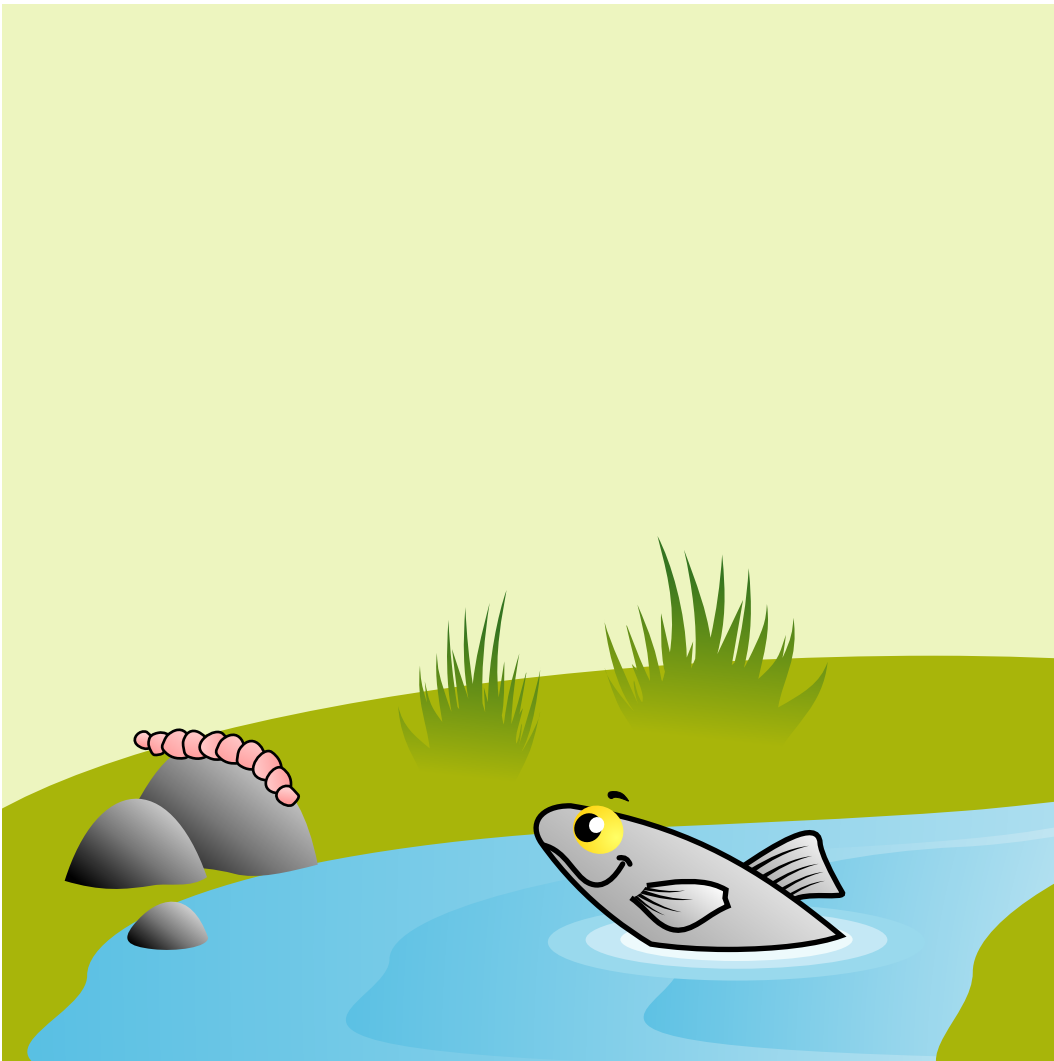




A visita de Ratilde



**O Rato de
Cabrera**
Kit Pedagógico
Projecto GAPS
(LIFE03/NAT/PT/000018)



Projecto co-financiado pela Comissão Europeia no âmbito do programa LIFE-Natureza



retribuiu-lhe o aceno, ainda que meio envergonhada. Ratolas continuou o seu discurso.

- Para não vos roubar mais tempo, deixo uma música para a Ratilde. Acho que ela vai entender o que lhe quero dizer. Ratilde, espero que não te zangues, afinal és uma pessoa especial e não te quero perder.

E Ratolas dedicou-lhe uma linda canção de amor, a mais linda que Ratilde alguma vez ouvira. E foi, nesse momento, que Ratilde percebeu que também ela estava apaixonada. Como é que não tinha notado antes: todo o nervoso, os embaraços, aquela noite sem dormir. A audiência aplaudiu de pé a coragem de Ratolas e insistiu para que Ratilde subisse ao palco.

Terminada a aventura do concerto, Ratilde e Ratolas, sentados ao luar de uma noite de Verão, começaram a namorar.

Ratilde enviou um telegrama para a sua casa na Zambujeira do Mar, informando os amigos que não iria voltar. O motivo, é que estava de casamento marcado com Ratolas pelo que, aproveitava desde já, para os convidar para a festa. E que festa!!!

Passaram alguns meses e chegou novo telegrama a Zambujeira do Mar:

“Amigos, a família vai aumentar. Estou grávida de 17 dias e daqui por uma semana nascem os meus cinco bebés. Espero uma visita. Beijinhos. Ratilde.” Os amigos ficaram radiantes.

E, passada uma semana os amigos, rumaram ao Sítio de Monfurado com o intuito de conhecerem os novos amiguinhos.

E os anos foram passando com muitas visitas ao Sítio de Monfurado e à Zambujeira do Mar. Quem diria que um festival de música podia fazer despertar o amor de dois ratinhos, que eram apenas amigos? A vida é assim... cheia de surpresas!!!

A visita de Ratilde

Ratilde, a ratinha de Cabrera, vivia numa humilde toca em Zambujeira do Mar, na Herdade da Casa Branca. Era castanha e peluda. Tinha olhos pequenos e usava uma fita cor-de-laranja na cabeça. A zona era sossegada e tinha como vizinhos os primos Ratimbéus, que tinham bebés pequeninos. Ratilde adorava a sua casinha e a vizinhança. Era tudo perfeito. O sonho de qualquer rato de Cabrera: cama, comida com fartura e um ambiente espectacular.

Certo dia, estava Ratilde a limpar a sua toca quando, de repente, começou a ver alguns movimentos estranhos. Não sabia o que fazer. Estava em pânico. A família Ratimbéu saiu de casa esbaforida. O mesmo acontecia com todos os habitantes da zona. Ninguém percebia o que se estava a passar. De repente, Ratilde gritou:

- São humanos! E cada vez são mais, mas...o que está a acontecer? Estão a invadir o nosso território!!! Vão estragar as nossas tocas. O que fazemos?

- Calma. Temos de ficar calmos para conseguir arranjar uma solução – disse o pai Ratimbéu.

- Como é que podemos ter calma! Isto é muito preocupante. Será que vamos ter de abandonar as nossas tocas e procurar um novo cantinho para viver? – perguntou Ratilde entristecida.

- Essa pode ser uma solução – retorquiu o pai Ratimbéu. Mas primeiro, temos de perceber o que os humanos estão aqui a fazer.

De repente, Ratilde e todos os outros animais começaram a ouvir uma música tão alta, mas tão alta que nem se conseguiam ouvir uns aos outros. Era um barulho ensurdecedor! Ratilde ficou até com falta de ar.

Como forma de arranjar uma solução para o problema, Ratilde e o pai Ratimbéu resolveram convocar uma reunião. Chamaram todos os ratos e restantes animais que viviam na zona e, numa altura em que a música ficou mais baixa, opinaram em relação ao assunto. Uns queriam ficar, mas estavam preocupados, porque não iriam conseguir dormir com tanto barulho. Outros, já de malas feitas, estavam prontos para se afastarem para um local mais sossegado. Ratilde já tinha tomado uma decisão e comunicou-a aos seus amigos:

- Meus caros amigos, vou deixá-los durante um tempo. Tenho um amigo, o Ratolas, que vive no Sítio de Monfurado e vou aproveitar esta grande confusão para o visitar. Já não o vejo há algum tempo e estou a precisar de mudar de ares.

- Mas Ratilde, tens coragem de viajar sozinha? O mundo à nossa volta é tão perigoso e nós somos tão frágeis! – disse a mãe Ratimbéu.

- Não te preocupes. Eu vou apanhar uma boleiazinha e vou chegar sã e salva. Darei notícias quando estiver com o Ratolas – respondeu Ratilde.

Ratilde foi então preparar as malas e lá se despediu dos amigos que continuaram a sua reunião na esperança de encontrarem uma solução para o problema de invasão do território.

À saída da Herdade, Ratilde apanhou logo boleia numa carroça que ia a passar. Quando chegou à vila mais próxima, desceu e ficou junto à paragem do autocarro. Conseguiu entrar à sucapa, pelo que não teve de pagar bilhete. A meio da viagem

em como era boa a companhia um do outro. No dia seguinte, e depois de uma noite sem descansar convenientemente, sentiam-se cansados.

- Bom dia Ratolas. Dormiste bem? Estás com um ar cansado – perguntou Ratilde.

- Dormi que nem uma pedra – retorquiu Ratolas, tentando disfarçar as olheiras de uma noite mal dormida. - E tu dormiste bem? Também te acho com um ar cansado..

- Estranhei um bocadinho a cama. Mas tirando isso dormi bem. A que horas é o concerto?

- Começa às 22h. É uma boa hora. Daqui a pouco vamos ensaiar. Queres vir ver? – perguntou Ratolas.

- Pode ser – afirmou Ratilde. Como vim cá para estar contigo, não faz sentido ficar em casa. Vou só ajeitar o meu laço no cabelo.

E depois de ajeitar o seu laçote lá seguiram eles estrada fora. Ratilde estava entusiasmada. Já há algum tempo que não ouvia as músicas do seu grupo preferido e, com certeza, haveria alguma canção nova.

Depois do ensaio, seguiram para o local do concerto. Por lá, já se encontram vários animais, posicionados para o que haveria de ser um concerto inesquecível, pelo menos para Ratilde. A banda afinou os instrumentos e tocaram pela noite dentro. Para o final, Ratolas tinha preparado uma grande surpresa. Encheu-se de coragem, levantou-se e disse ao microfone:

- Caros amigos, tenho hoje aqui presente uma amiga muito especial, que já não via há muito tempo e da qual tinha muitas saudades. Chama-se Ratilde e veio de Zambujeira do Mar até aqui para me visitar. Já soube que encontrou uma outra amiga na viagem: a Lagartinha. Ratilde corou de imediato. Ao fundo, viu a Lagartinha a acenar-lhe. Ratilde



sentiu um pequeno toque no ombro. Assustada, voltou-se e muito vermelha, esforçando-se ao máximo por mostrar um ar corajoso, perguntou:

- Quem me está a incomodar?

- Ups!!! Desculpa, não te queria assustar. Sou a Lagartinha. Como já estava a ficar um bocadinho cansada desta viagem, resolvi distrair-me e passear um pouco mas, ao passar por aqui, vi um vulto. Ao início, assustei-me, mas quando me aproximei e vi que eras um ratinho de Cabrera, fiquei mais descansada. Como os ratinhos da tua espécie são inofensivos, pensei que não fazia mal meter conversa.

- Obrigado, Lagartinha! Na realidade, somos muito pacíficos. Mas, como é que sabes que eu sou um rato de Cabrera? Já viste por aí mais algum? Desculpa, ainda não me apresentei. Eu sou a Ratilde.

- Ah, Ratilde! Que nome bonito! Sabes, eu conheço bem os ratinhos da tua espécie. Tenho um amigo, o Ratolas, que também é um ratinho de Cabrera. Este meu amigo vive num local com características únicas, muito especial, o Sítio de Monfurado. Hummm... espera lá, disseste que o teu nome é Ratilde? O Ratolas anda sempre a falar numa amiga que já não vê há muito tempo, da qual tem muitas saudades e que também se chama Ratilde. Acho que está apaixonado... – deixou escapar baixinho a Lagartinha.

- O Ratolas? O Ratolas do Sítio de Monfurado? Tu conheces o Ratolas? – perguntou Ratilde entusiasmada com a ideia da nova amiga Lagartinha conhecer o seu amigo Ratolas. Mas, o que andas a fazer por estas bandas? Afinal, estás muito longe de casa!

- Eu sou uma lagarta que gosta de aventuras. Gosto de conhecer novos lugares e fazer novas amizades e por isso, por onde passo deixo sempre muitos amigos e conhecidos.

- Mas conheces mesmo o Ratolas? O Ratolas que vive no Sítio? – perguntou

mediterrânica, é possível encontrar nesta área algumas espécies de flores pouco comuns na região devido ao seu clima especial – disse Ratolas, num misto de vaidade e contentamento, feliz por demonstrar a Ratilde as características especiais do sítio em que vivia.

- Por acaso reparei à pouco na fotografia que tinhas na tua sala de estar: um jacinto lindo, muito brilhante.

- É o que te digo: existem algumas espécies que, estranhamente, se desenvolvem por aqui. Se quiseres, depois podemos passear e ver várias espécies de carvalhos, morcegos, peixes, anfíbios e répteis que existem por aqui. Acho que vais ficar surpreendida com tanta riqueza e diversidade.

- Já vi que isto por aqui é surpreendente. Dá vontade de viver neste sítio. Tudo tão perfeito. Uma paisagem admirável, os animais são uma simpatia, a comida é ótima, tudo tão calmo e sossegado. O que é que se pode querer mais? – observou Ratilde.

- Bem Ratilde, se quiseres podes ficar por cá. Arranja-se uma casa num instantinho. E eu até gostava. Adoro estar na tua companhia. – respondeu Ratolas, envergonhado.

Ratilde corou e no mesmo instante em que lhe veio à cabeça a história da Lagartinha.

- Acho melhor irmos andando. Amanhã é o concerto e tenho de descansar bem. Temos ainda de preparar a tua cama no quarto de hóspedes – disse Ratolas.

- Vamos! Amanhã dou mais uma voltinha para conhecer alguns desses lugares – respondeu Ratilde.

E lá foram eles, sem nada dizerem um ao outro até casa. Uma vez chegados, Ratilde ajudou Ratolas a preparar a sua caminha e deitaram-se para dormir. Mas nenhum dos dois conseguiu fazê-lo. Estavam ambos nervosos e não conseguiam deixar de pensar

qualquer coisa que também estou a ficar faminta. Tens é de ser tu a decidir onde vamos.

- Eh! Eh! Eh! Parece-me bem. Afinal de contas, sou eu que conheço estas paragens. Existe um restaurante aqui perto, muito bom. Chama-se “Tufinho de Erva Fresca” e servem lá uns pratos deliciosos. O que dizes?

- Parece-me bem. O nome é bastante sugestivo.

Elá seguiram os dois amigos, depois de Ratilde ter acomodado a sua bagagem na toca de Ratolas.

Ao chegarem ao restaurante, deliciaram-se logo com o cheirinho que pairava no ar: erva fresca, acabadinha de apanhar. Servidos gentilmente pela D. Toupeira, Ratilde e Ratolas saborearam a erva fresquinha que lhes fora servida. À saída, olharam o céu. Estava uma noite de Verão fantástica, com um céu cheio de estrelas e uma lua cheia que mais parecia um queijo gigante. Ratolas convidou Ratilde para um passeio pelo Sítio de Monfurado, ao que esta aceitou cheia de curiosidade e expectativa. Afinal de contas não conhecia nada por ali.

- Sabes como se chama a serra que existe aqui perto? – perguntou Ratolas.

- Existe por aqui uma serra? Que engraçado, no meu sonho também havia uma serra. – disse Ratilde recordando o sonho que tivera durante a viagem de comboio - Não faço ideia. Só sei que este local pertence a uma rede europeia de apoio à conservação da natureza, denominada Rede Natura 2000, e que existem muitas espécies animais e vegetais que são importantes cuidar e que tornam este sítio tão especial.

- Vejo que te andaste a informar. Esta serra é a Serra de Monfurado, daí o Sítio chamar-se Sítio de Monfurado. Devido ao facto de se tratar de uma região tipicamente

novamente Ratilde, ainda entusiasmada com a ideia de terem um amigo em comum. Ainda que envergonhada, com as faces coradas e de cabeça baixa, em tom muito meloso, Ratilde questionou uma vez mais a Lagartinha - Achas mesmo que o Ratolas está apaixonado por essa tal Ratilde?

- Tenho quase a certeza. Ele só fala dela. Vou continuar o meu caminho que ainda tenho muito para explorar. Gostei muito de te conhecer Ratilde. Até à próxima! Espero que tenhas um resto de boa viagem – disse a Lagartinha há medida que se ia afastando, para continuar com a sua aventura.

- Bem, eu vou ficar por aqui. Tenho um comboio para apanhar – e enquanto acenava para a nova amiga que se ia agora afastando, Ratilde ainda conseguiu fazer-se ouvir - Obrigado pela companhia. Gostei muito de te conhecer, Lagartinha. Espero que nos possamos ver em breve.

Ratilde seguiu até à estação de comboios e lá conseguiu apanhar um que estava mesmo de saída. Durante o tempo que demorou a viagem, Ratilde pensou na conversa que tinha tido com a Lagartinha. Com medo da sua reacção quando visse o Ratolas, Ratilde decidiu não levar muito a sério a conversa da amiga Lagartinha. Afinal de contas, o Ratolas falava muito numa tal de Ratilde, que até podia ser ela, mas era porque tinha saudades, pois não se viam há já muito tempo. E tal como ela queria rever o Ratolas, também ele deveria querer rever essa tal amiga Ratilde.

Cansada da viagem e de tanto magiar, Ratilde adormeceu e sonhou com o Sítio de Monfurado. Ao sonhar, imaginou que no Sítio existia uma serra muito alta, onde predominavam tons de terra e verde, consequência dos muitos sobreiros e azinheiras que por ali existiam, assim como das densas pastagens por onde pastoreavam os



Espreitou cuidadosamente pelo tufo de erva de onde saía o som. E lá estavam todos entretidos a tocar. Ratilde viu logo o Ratolas. Acenou, mas o amigo não viu, pois estava muito concentrado na música. Quando terminaram, despediram-se e Ratolas, ainda sem ter visto Ratilde, disse:

- Tocar faz-me sempre muita fome! Estou com a barriga a dar horas.

- Podia convidar-te para jantar, mas não conheço nenhum restaurante bom aqui na zona. É a primeira vez que visito o Sítio de Monfurado. – respondeu Ratilde com um grande sorriso nos lábios.

- Ratilde!!!!!! Há quanto tempo! Que bela surpresa! Como estás amiguinha?

- Eu estou ótima. E tu? Como tens passado?

- Está tudo bem. Estou só um bocadinho aborrecido porque eu e a banda não conseguimos participar no festival de música que está a decorrer na Zambujeira. Sabes como é, contratempos de última hora.

- Contratempos? – perguntou Ratilde, um pouco intrigada.

- Sim, o Ratolino, o nosso baterista, foi pai e não se pôde deslocar. Os bebés nasceram antes de tempo. Mas mesmo assim, conseguimos marcar um concerto aqui na zona. É amanhã à noite. Vais estar por cá, não vais?

- Eu vim para ficar uns dias por aqui, por causa desse mesmo festival. Começaram a invadir o nosso espaço e a maioria dos meus vizinhos deslocou-se para outro local. Quando terminar, combinámos voltar - disse Ratilde.

- Estou a ver. Realmente, não deve ser agradável tanto barulho e tanta gente – afirmou Ratolas.

- Sim, na realidade é muito desagradável. Mas... não estavas com fome? Vamos comer

animais. A meio do sonho, e como se fosse parte de um filme, Ratilde viu-se a casar com Ratolas. No meio de muitos amigos e muito bem vestida, lá estava a Lagartinha a acenar. Ratilde acordou muito exaltada e por pouco não era esmagada por uma senhora gorducha que tinha entrado no comboio. Mesmo a tempo. Ufa!!!!!!

- Que sorte! Por pouco, quase era esborrachada. Ainda bem que acordei. Acho que estou a ficar nervosa com esta história. Nunca devia ter dado ouvidos à Lagartinha.

Ao chegar à Torre da Gadanha, a viagem de comboio chegava ao fim. Finalmente estava no Sítio de Monfurado. Agora, só tinha de procurar o Ratolas. Com o coração aos saltos, Ratilde lembrou-se que não o tinha avisado, pelo que ele não estaria à sua espera. Estava em pânico! O comboio fez uma rápida paragem e Ratilde escapou-se por entre as pernas da tal senhora gorducha. Já estava na Torre da Gadanha. Estava hesitante. Mas afinal não tinha vindo de tão longe para nada. Estava com saudades do amigo e não queria acreditar naquilo que tinha ouvido. Afinal uma paixoneta não ia estragar a sua visita.

Ao sair da estação de comboios ficou maravilhada com a paisagem. Era ainda mais bonita que a paisagem do seu sonho. Por causa do calor, a paisagem continha uns tons dourados o que lhe conferia um aspecto singular. Era a primeira vez que Ratilde visitava o Sítio de Monfurado. Normalmente, as visitas eram feitas pelo seu amigo Ratolas, que como tocava numa banda tinha algumas tourneés nacionais que passavam por Zambujeira. Não sabia muito bem para que lado ir e não tinha como contactar Ratolas.

De repente, começou a ouvir uma bateria ao longe. Foi seguindo o som e não teve dúvidas de que era a banda do seu amigo. Estavam a ensaiar. Será que iam dar algum concerto? Ratilde esperava que sim, pois adorava a música daquela banda.

